

Reduccionismo Maquino-consumista

FÁBIO GUIMARÃES DE CASTRO - graduando em Filosofia no 5º período
pela Puc-Campinas.
guimaraesdecastro@yahoo.com.br

Desde os primórdios da humanidade, processos de troca foram tanto comuns quanto necessários para a sobrevivência humana. Todavia, a partir do século XVII, com o desenvolvimento do capitalismo comercial e das práticas mercantilistas, tais processos de trocas assumem uma complexidade ainda maior. Dando início, à ascensão da sociedade urbana, do trabalho assalariado e do rápido progresso tecnológico, que culminaram com a Revolução Industrial e o Tecnicismo. Antes, a produção, o consumo baseava-se apenas no necessário, hoje, nesse e mais o supérfluo, que por meio de estratégias de marketing, tornam-se necessários.

Destarte, alienado a tudo isso, o fenômeno humano é reduzido ao seu valor de compra. Entretanto, aqui surge um problema de cunho filosófico: o que significa ser um ser humano na complexidade do mundo no qual vivemos? Será somente ter potencial econômico? Mas e os que não o tem? Estão desprovidos da dignidade humana? Com certeza não. O que nos faz humanos está além do capital. Perpassa por características físicas, emocionais, culturais, psicológicas, etc.

O problema talvez mais profundo de tal degradação humana provocada pelo sistema econômico-capitalista é, sem dúvida, o reduccionismo do homem à condição de máquina. Diminuindo assim, toda a sua complexidade enquanto humano para a de um maquinário, cujo conjunto de peças deverá estar em dia apto para trabalhar e, conseqüentemente, produzir lucro ao patrão.

Apesar de o sistema capitalista querer reduzir o ser humano a um produto, tal sistema reconhece que o sujeito consumidor tem o poder em suas mãos: o dinheiro; e justamente por isso, que as propagandas, fazendo uso da persuasão psicológica, instigam, a todo o momento no ideário consumidor, a máxima de que o consumo pode trazer não só a satisfação de suas “necessidades”, mas também a felicidade, o prazer, o sucesso, o prestígio pessoal e social.

Imerso nessa lógica econômica, o indivíduo, fora conduzido a, nas palavras de Walter Benjamin, “uma nova forma de religião”. Sendo o mercado a personificação de um Deus capaz de conceder-lhes não só a proteção, mas também um sentido para a sua existência; e suas ramificações - shoppings centers, supermercados, centros tecnológicos – tornaram-se templos de adoração ao Deus Mercado. Deus esse, que necessita ser adorado para que haja o tão aclamado “progresso econômico”. E assim, como já fora proclamado pela religião católica, analogamente, surge uma nova soteriologia na qual fora do mercado não há salvação.

Nesse contexto, de tentar conseguir o “progresso” a todo custo, famílias são destruídas, populações escravizadas, humanidades devastadas e o indivíduo reduzido a mero consumidor. Enquanto que empresas de grande porte como: Nike, Coca-Cola, Calvin Klein, Apple, McDonalds, BMW, etc., adquirem bilhões de dólares à custa da escravização e ideologização das massas. Dando origem, a inúmeros males na sociedade. Que será, sem dúvida, um banquete para os filósofos e sociólogos modernos e contemporâneos

No mesmo horizonte da reflexão de Nietzsche e Heidegger, os frankfurtianos – Horkheimer, Adorno, Marcuse, Walter Benjamin e Habermas - nos oferece uma atual análise dos males de nossa sociedade. Afirma que o momento presente decorre da afirmação de valores burgueses, em particular do liberalismo econômico. Que afirmando progressivamente, as ideias de igualdade, liberdade e fraternidade com o objetivo de combater os privilégios feudais, transformam-se em seu oposto. No qual, relações humanas diferenciam-se pelos meios de produção e pelo capital. A busca do lucro individual se torna o fim supremo; o dinheiro, ao qual é atribuída a onipotência, assume o papel de ídolo dominante, cujo culto comporta custos elevados, fazendo o trabalhador valer menos do que o lucro que esse proporciona ao seu patrão.

Karl Marx, falando da relação trabalho, operário, patrão, diz: “o trabalho é externo ao operário, é apenas um meio para satisfazer necessidades estranhas, e o operário torna-se tanto mais pobre quanto maior é a riqueza que produz”¹. Assim, o trabalho é percebido pelo trabalhador como algo fora de si, pertencente a outros e, portanto tão distante de si que, esse, na sua longitude aproximativa, se vê

¹ MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. 2. Ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. XXXIII, 404 p. (Os pensadores)

incapaz de tomar para si a sua produção como se fosse, de fato, produto de seu labor.

O salário pago a esse, segundo Marx, não remunera todo o trabalho, pois uma parte é apropriada pelo capitalista e se transforma em lucro. Deixando clara a insignificância que o operário possui diante de seu patrão que só quer lucro. E que enquanto aquele o estiver proporcionando, será mantido em seu quadro de funcionários. Caso deixe de proporcionar o lucro tão desejado, será sem a menor preocupação social descartado e jogado fora semelhante a uma máquina improdutivo; que não serve para a lucratividade do sistema.

Coerente com esta situação está a indústria cultural, entendida como mecanismo publicitário, de cujo controle nenhum aspecto da vida do homem pode escapar. Dessa forma, a indústria, com suas raízes publicitárias e mercadológicas, tende a se tornar instrumento de manipulação. Afirmado atender às necessidades dos consumidores, enquanto que na realidade, suscita e promove determinadas tendências, exercendo o seu poder sobre o consumidor, que a princípio está alienado.

Todavia, não podemos negar, sob hipótese alguma, que a sociedade industrial-capitalista trouxe inúmeros progressos para a humanidade que vão desde a técnica, informática, robótica, cibernética, até os do campo humano; genética, neurociência, clonagens, cirurgias etc. Todavia, percebe-se claramente, que o essencial para a dignidade humana, tais progressos não alcançaram que seria o de considerar o indivíduo como verdadeiro humano e não como máquinas produtivas, capazes de proporcionar lucro.

Por fim, o problema desse reduccionismo do ser humano a uma mera máquina-consumidora é que enquanto tal ele está suscetível a ser descartado, jogado, negligenciado; ter “defeitos” de fabricação, ou mesmo de uso. Assim, seguindo essa lógica maquinaria, logo que o indivíduo apresentar seus primeiros “defeitos” – que nesse caso seria a ausência do capital - poderá sem a menor preocupação social, afetiva, descartá-lo como um objeto qualquer que não tem valor nem dignidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATOS, Olgária C. F. A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo. 2ª Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. 2. Ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978. XXXIII, 404 p. (Os pensadores)